

Luiz Inácio Lula da Silva

POLÍTICA

A UM ANO DA

O ESTADO DE S. PAULO - H3

POSSE

Eleitor quer um novo presidente honesto e com experiência administrativa

ANA MARIA TAHAN

O presidente da República que iniciará, dentro de um ano, seu segundo dia no poder ainda não tem nome nem rosto, mas tem um perfil desenhado pelo eleitor ainda sob o impacto do processo de impeachment de Fernando Collor e da CPI do Orçamento: encarnará, pela visão dos quase 90 milhões de votantes do País, o honesto, o cidadão acima de qualquer suspeita e, de preferência, com experiência administrativa capaz de provar pelo passado que pode preparar o futuro.

Tal perfil foi identificado pelas pesquisas de opinião pública, as mesmas que, até hoje, colocam na liderança da preferência do eleitorado para ganhar nome e rosto de presidente da República o petista Luís Inácio Lula da Silva. Se não carrega experiência administrativa para listar seus feitos nas caravanas de cidadania que desfila pelo País, Lula é considerado, pelos que confessam hoje a intenção de votar nele em três de outubro, data do primeiro turno eleitoral, como um "homem honesto". Uma virtude a qual seus adversários e algumas denúncias começam a abalar: o candidato do PT usou um avião cedido pelo dono de uma empresa, a Nutrígia, que é suspeita de se beneficiar de um contrato superfaturado durante a administração da também



*Lula, na fre-
quisas de opi-*

CAND
DO PT
AMPI
ALIAN

petista Luíza Erundina na prefeitura paulistana (1989-1992).

Com uma média de 30% de intenções de voto, Lula procura ampliar o trânsito de sua candidatura entre empresários e a classe média, ao mesmo tempo em que procura convencer a parte mais radical do partido da necessidade de fechar alianças mais "à direita" caso chegue ao segundo turno. Na tentativa de abrir o leque, o petista acarinha e mima o comando do PSDB, imaginando o tucano Tasso Jereissati no papel de vice-presidente em sua chapa.

Assediados pelo PT, de um lado, e por parte do PMDB, de outro, os tucanos decidiram ter um candidato próprio nas urnas de outubro. Apostam no plano econômico do ministro tucano da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, para chegar lá, quem sabe com o próprio FHC na cabeça de chapa ou, talvez, o atual governador do Ceará, Ciro Gomes.

Como dúvida não é privilégio do PSDB, o PMDB vai mergulhando cada vez mais na sua divisão interna. De um lado, os autodenominados "éticos", liderados por peemedebistas do Rio Grande do Sul e de Pernambuco, contrários a qualquer coisa que se associe ao nome do ex-comandante da legenda Orestes Quércia e dispostos a tentar uma aliança com os tucanos. De outro, os quercistas e o próprio Quércia que, ressuscitado nos últimos tempos, volta à carga para vender a imagem de salvador da legenda nas urnas. Uma terceira divisão é capitaneada hoje pelo senador e ex-presidente José Sarney (AP): ele deve deixar o PMDB esta semana para se aventurar no PP, PTB ou PFL, disposto a garantir uma legenda para voltar à Presidência.

Atrás de Lula e empatado com Sarney nas pesquisas, o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf (PPR), até então disposto a deixar a Prefeitura para enfrentar a campanha presidencial, anda repensando a vida. O Caso Pau Brasil — envolvendo a descoberta dos milhões de dólares doados às suas outras campanhas por empresários e empreiteiros — abriu um flanco que começa a ser explorado por seus adversários e torna mais difícil a aventura eleitoral.

Em outro vértice, o eterno candidato do PDT, governador Leonel Brizola, se esquentando para a nova campanha, tentando atrair o animador Sílvio Santos em São Paulo e trabalhando para ampliar sua base de apoio — quase nenhuma — em Minas Gerais. Do flanco brizolista, o ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner, parece ter sido piscado pela mosca azul e se aproxima do PV aparentemente disposto a ser oferecido como alternativa de centro à Presidência.